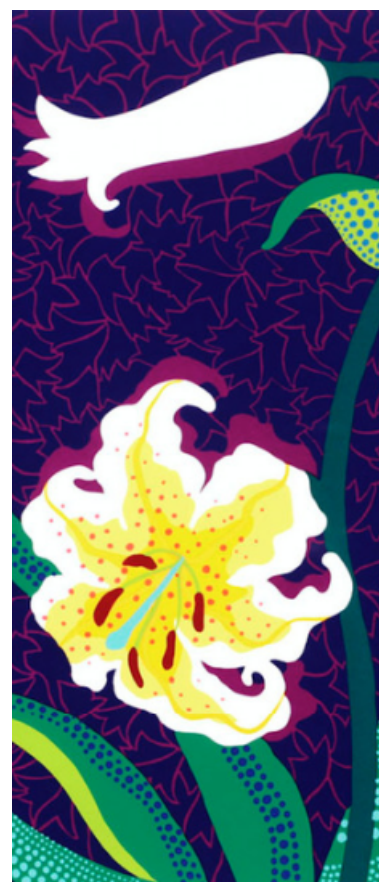


# GAZETA

## SAGRADO

UM JORNAL FEITO POR ALUNOS



### SUMÁRIO

- Editorial - **2**
- Entranhas metálicas - **3/9**
- JPIC - **10**
- Luz no Fim do Túnel - **16**
- Gazeta Entrevista - **17**
- Plantão Gazeta - **19**
- Minicidade - **20**
- Dicas Culturais - **21**
- Curiosidades do Cerrado - **22**
- Laços - **22**
- Equipe - **23**

# ÁSIA



# EDITORIAL

**Pelos editores Ana Clara Almeida  
e Alexandre Magnani**

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, anuncia que sem a educação a sociedade é incapaz de mudar e evoluir, já que carente das reflexões e ensinamentos transmitidos dentro de sala de aula, o aprimoramento de um senso crítico perante a sociedade faz-se impossível. Aqui, em um jornal completo escrito por alunos, encontra-se o resultado de uma educação que busca transformar e instruir jovens para um mundo que vai além do lógico.

Um amor pela escrita e um desejo por um conhecimento acessível nos uniu novamente aqui, para, mais uma vez, testemunhar um apreço pelo incentivo a uma leitura prática e prazerosa. A segunda edição do Gazeta Sagrado conta com um aparato reflexivo sobre a atuação dos próprios estudantes dentro dos projetos estudantis e que os envolveram durante parte do segundo semestre do ano. Como, por exemplo, a apresentação do projeto da Minicidade, que proporcionou uma aproximação entre segmentos e disciplinas; e o protagonismo dos estudantes com os trabalhos desenvolvidos durante a semana do JPIC em Rede.

A participação dos educandos em projeções e resoluções de conflitos verídicos oportunizou momentos de partilhas individuais e preocupações com o futuro coletivo. Aqui, pode-se enxergar o produto de uma didática consciente do papel de cada um na transformação do mundo, tornando-o melhor. Jovens, que em um tempo não tão distante, poderão dispor dos frutos das sementes hoje plantadas e se reconhecerão como atores desse progresso.

*Desde já, agradecemos o incentivo e desejamos  
uma leitura leve e estimada! Até a próxima edição!*

# ENTRANHAS METÁLICAS

## NOTAS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO

Por *Nathália A. B. Pardaui*

O mundo em que vivemos é sempre o reflexo do passado, sua sombra que risca e corta definitivamente os contornos do presente. A vida, no entanto, é sempre direcionada à adivinhação do impossível - do próximo passo, do amanhã. E, em meio tão volátil, não podemos precisar, minuciosos, como serão os dias, os anos, o tempo, o ambiente. Há somente uma coisa imutável, um elemento que não pode ser extraído do nosso destino: bem antes de alcançarmos a morte, todo o nosso caminho será permeado pelo trabalho.

Mesmo que soe como uma suposição demasiadamente presunçosa, afinal participei durante o JPIC deste grupo de discussões, é inegável que o trabalho é o mais importante tópico que a humanidade deve a respeito ponderar - é a atividade a que tudo cria, tudo constrói, tudo monta, tudo destrói, tudo produz, tudo conserta, tudo *faz*. Em primeiro lugar, ademais, é a atividade por onde o ser humano demonstra sua criatividade e habilidade pessoais. E ademais, se há algo que nos une e denomina, todos nós, humanos, para além da própria humanidade, é o talento, a ação criadora, a capacidade diversa, a racionalidade que pode apresentar-se no mundo material. Somos todos únicos - artistas, professores, cozinheiros, pedreiros, costureiros, pesquisadores, apresentadores, contadores; cada um tem sua individualidade, seu interesse, sua idiossincrasia, seu dom. Nós construímos e mantemos a nossa própria sociedade, e o fazemos porque somos trabalhadores. É primeiramente a essa atividade, portanto, a que sempre devemos nos voltar quando perguntamos sobre o futuro. E os trabalhadores do futuro somos nós, estudantes.

É natural que muitos de nós, alunos, ainda não estejamos preocupados a respeito do futuro. Somos jovens, alguns ainda sonhadores, esperançosos por estudar e atuar em uma área que os interessa, a que poderão dedicar suas habilidades únicas, suas paixões. Não é comum, infelizmente, que conversemos ainda sobre o ardiloso mercado de trabalho e o crescente desemprego, ou expectativas de remuneração e manutenção da vida quando adultos, ou que discutamos sobre as novas leis trabalhistas promulgadas ou vetadas no Congresso, que definirão o nosso rumo algum dia. Coisas tão básicas como essas não nos são geralmente apresentadas, porque não parece ser necessário, e o futuro é pesado e terrível quando é destruída a quimera, quando o sonho não milagrosamente torna-se realidade. É fundamental, todavia, que delas tomemos consciência, afinal, se somos órfãos de heranças milionárias ou bilionárias de nossos pais, nosso destino é firmado. O Mundo do Trabalho, durante seu desenvolvimento até o estágio tardio do capitalismo em que existimos, repentinamente roubou-nos a humanidade, e em lugar de nossa carne e ossos que cansam e doem, ele os substituiu por entranhas metálicas.

Não somos feitos de metal, entretanto.

Permita-me, leitor, frente ao descobrimento de um futuro inalterável e um presente insustentável, traçar essas breves notas sobre o Mundo do Trabalho e o trabalho no mundo.

As entranhas metálicas do mundo em ascensão estão expostas. Soam os sinos e rufam as máquinas que a todo vapor criam e recriam, sem cessar. A corrida por desenvolvimento no mundo capitalista inicia-se há muitos passos atrás, e é preciso provar-se pelo meio econômico. Canta o pássaro e rugem os mecanismos que dão começo à produção. Os anos em que as nações recusavam-se a modernizar-se ao estilo ocidental passaram, seu domínio já era inquebrável, e era esse o único modo de permanecer existindo, forte e independente. O Sol que primeiro ergue-se na curvatura terrestre acompanha a marcha de milhares de trabalhadores, andando pelas cidades, até os ônibus, os trens-bala, os metrô, os bondes e carros e motos. A manhã se inicia e bilhões de pés andam um após o outro, e bilhões de mãos balançam com o corpo ou carregam sacolas e mochilas. É mais um dia, e o horizonte, que se aquece vagaroso nas pequenas horas da manhã, demonstra aos bilhões de cidadãos asiáticos que, por mais um dia, estão vivos. E se estão vivos, hão de trabalhar.

É árduo o cotidiano nos Estados de capitalismo novíssimo, incentivados e apoiados pelas grandes potências para que não se igulassem a seus vizinhos chineses e soviéticos à época. No pós-Segunda Grande Guerra, período que coincide com os processos de libertação de muitos países, a maioria deles grandemente afetada pelas batalhas e consequências do caos mundial, muitos tinham de se levantar dos escombros, e tijolo após tijolo das grandes nações hoje existentes foram recolocados pelos mesmos que empunharam armas no fronte de batalha - o povo trabalhador. Após anos de dura reconstrução, alguns puderam triunfar. O trabalho arde nas costas dos milhões que, dia após noite e noite após dia, sobrevivem para servir ao seu país. É um continente, aliás, muito conhecido por seu trabalho: produção tecnológica, produção de conhecimento, produção literária, produção de entretenimento, produção de artigos dos mais simplórios aos mais requintados, produção militar novíssima.

Seu trabalho, de maneira geral, é de primor inigualável ao resto do mundo. Vemos, em notícias recentes, que os setores comerciais de todo o globo têm estado preocupados com sua produção, devido ao atraso de chips vindouros de Taiwan, ou países que esperam o recebimento de novos insumos para vacinas chinesas, ou países que tentam aproximar-se das grandes potências do Leste, para que estejam do lado “vencedor” na economia mundial do futuro próximo. Verdadeiramente, a industrialização asiática trouxe consigo, direta ou indiretamente, uma terceira revolução, mais que fordista, mais que taylorista, e em que a tecnologia renovou-se cada vez mais minuciosa e minúscula. Padroeira de inovações, carregando nas costas nomes agora grandiosamente reconhecidos, a pressão de sempre produzir emergiu como norma estruturante, servindo de locomotiva para a classe produtiva.

Em um dos ótimos textos lidos durante o debate, redigido por Ana Paula Freitas de Albuquerque há 14 anos, é apresentado um breve panorama do desenvolvimento do que chamamos Mundo do Trabalho atual, e para compreendê-lo, além de todos os seus pequenos e pronunciáveis mecanismos, é premente que entendamos o cenário em que estamos inseridos. Com a globalização já instaurada na sociedade, o principal objetivo da nossa era tornou-se a obtenção de lucro maior e maior, por meio do aumento do alcance do “mercado”. Com a massificação dos interesses pessoais, esse é cada vez mais amplo e de fácil convencimento, e instaurou-se tão poderoso que tomou um corpo material, como se fosse *alguém*, passando a comandar nas decisões gerais do mundo, e ao qual todo e qualquer sacrifício pode e deve ser feito. Esse tal mer-

cado, de livre comércio, mas que se expande em diversos ramos, baseia-se na rápida e incontável acumulação de capital por uma ínfima parte de humanos, enquanto a outra, a produtora, precisa cada vez mais ser explorada para que essa acumulação aconteça de maneira crescente e constante.

Quando se fala de trabalho, é importante lembrar que a globalização é um processo de aceleração e homogeneização de tudo, para venda, compra e produção mais fácil e abundante. E nesse sistema cíclico, quem mais perde são os produtores, os trabalhadores, que vendem sua força de trabalho em troca de dinheiro, e justamente por causa dessa rapidez e desse acúmulo desesperado e contínuo, é preciso sempre cortar custos, e o primeiríssimo deles é o próprio trabalhador! Em tal cenário, analiso duas cenas: a primeira, em que são demitidos muitos empregados, e a segunda, em que mantêm-se os empregados ao passo que é encurtado seu salário, impactando diretamente em sua renda e agravando sua exploração, afinal, recebe ainda menos pela mesma quantidade de trabalho. Ambas situações são verdadeiramente irrisórias, reduzindo ou mal-remunerando aqueles que produzirão tudo. Mais que irrisórias, porém, são reais. O que de fato importa, no fim, não é o planejamento inteligente da manutenção da instituição, e sim a geração de lucro fácil e rapidamente.

O fenômeno aqui brevemente debatido está intrinsecamente ligado com as nossas estruturas sociais, históricas e políticas. Desde indigno e inferior na antiguidade grega, até parte fundamental da existência humana para os filósofos do século XIX, é correto afirmar que, assim como todas as coisas restantes, a maneira com que enxergamos o trabalho, e como valoramos aqueles que trabalham, muda nossa maneira de lidar com ele. Na contemporaneidade, afirmo seguramente que modelou-se em uma atividade para além do maquinário, já instaurado de maneira irreversível no aparelho digital e infinito da internet; é dinâmico, constante, impetuoso, e precisa sempre ser alimentado para que o lucro seja mantido. A necessidade de permanência e constância pesa nos proletários, que em ambientes como o do famigerado home-office, não mais podem delimitar as horas de trabalho e as de descanso, devido ao consumo total de todo o tempo pelo trabalho digital. Os sábados de descanso e os domingos religiosos, segundo a tradição cristã que construiu nosso calendário ocidental e comercial, hoje são dias tão úteis quando os cinco precedentes, com labuta incansável, constante, constante, constante... É preciso que nos reinventemos, nos adaptemos e produzamos mais, mais rápido, mais eficientemente. Qualidade não é essencial, mas sim, agilidade eficaz. E, como observamos o ritmo e estrutura de trabalho atuais como normal, esforçar-se para além da capacidade humana é motivo de orgulho, um exemplo aos outros ainda não metalizados, não?

Já sob uma análise mais sociopolítica, considero, em minha análise bastante juvenil acerca do jogo geopolítico do planeta, que o Ocidente cria o Oriente como molde caricato, para que, primeiramente, o que desconhece seja palatável, podendo dominá-lo, esvaziá-lo e o encher com significados que lhes sejam úteis - é disso que se fala quando se discute orientalismo, não? Clama de "exótico", "terapêutico", "místico" o extremo leste, e explora o sul. Tenta lhes remover, assim como fizeram com os povos nativos colonizados no Brasil, toda a sua cultura e somente aceita o diferente se lhe é favorável, prazeroso, ou lucrativo. O quão maravilhoso é recriar desleixada e desrespeitosamente, nas grandes telas hollywoodianas, momentos e costumes importantes para um povo! Nomeia sua história como incognoscível, sua gente como idêntica, sua identidade como insignificante, sua política como anormal. Torna homogênea uma vasta diversidade, e explora como pode. Finalmente, as vozes múltiplas da Ásia calam-se. Sobram três coisas: a caricatura racista, a

produção e o trabalho. Sabemos, já dos parágrafos acima, que “a globalização é um processo de aceleração e homogeneização de tudo, para venda, compra e produção mais fácil e abundante”, e por meio da massificação de pessoas diferentes é possível utilizar dessa massa como um retrato real e uno do continente. Usufruindo desse artifício, atrás das “piadas” e da xenofobia que a massificação acompanham, podem permanecer usando, de maneira ferrenha, suas terras e mão de obra mais discretamente, condicionando a Ásia ao título de sua grande fábrica. Se o grande público a vê como um grupo simplesmente estranho e diferente, não lhe preocupará que as “nações proeminentes” a explorem. Mas aí mora a contradição: todo o dinheiro produzido às custas da mão de obra barata, da falta de leis trabalhistas firmes e da labuta excessiva volta ao centro do capital, às proeminentes Europa e América anglo-saxônica. O que fica no continente, além da exploração?

O norte ocidental é o padroeiro do monopólio diverso e incansável, de tudo, inclusive das comunicações, todas elas, desde as redes sociais até o processamento de dados comunicativos das forças armadas brasileiras, por exemplo. Agora, quando seus porões produtivos passam a emergir, e assumem posição de ataque nas trincheiras da tecnologia, precisa quebrar o próprio ego para que acesse as moderníssimas invenções. Isto também pode ser analisado como um efeito da globalização, em que, eventualmente, partes diferentes do mundo fiquem responsáveis por certo tipo de produção, e outras em recebê-la; provocou, atualmente, uma grande sobrecarga na economia mundial, extremamente dependente da produção tecnológica asiática. E estar à frente nesse quesito é, sobretudo, um fator de independência. Muito do que dizíamos na última coluna, há alguns meses, sobre América Latina, é exposto uma segunda vez: é de maior primor que um país possua independência nas comunicações, civis e militares, além da própria independência de seu exército. Que país independente permite que se instalem bases militares de outras nações em seu território? No jogo geopolítico, quem se informa é o vencedor, sempre, e em especial no mundo informacional em que convivemos. Deixar que acessem informações de seu país, e dá-las ao outro trivialmente, é entregar-se. O império nipônico, a república sul-coreana e o emirado afegão são infelizes exemplos, lotados de bases estadunidenses - e entre os vizinhos de outros cantos, podemos citar a Alemanha. A produção militar inovadora, igualmente tecnológica, é uma marca do continente, que enfrenta a maior parte das guerras do século XXI e, se não são auxiliadas pelo armamento estrangeiro, fabricam o próprio - muito mais por uma questão, novamente, de independência do que de combate sangüinário. E essa produção incita uma outra discussão, acerca do armamento nuclear, de caráter por vezes carregado de preconceito. Por que parece impensavelmente perigoso que Índia, Paquistão e Coreia do Norte o tenham, mas é seguro nas mãos dos Estados Unidos, o único que de fato as utilizou e com ela causou desumana destruição? É interessante questionar sobre isso.

Em meio a uma nova Guerra Fria, em que os estadunidenses não aceitam dividir o pódio de maior grandeza entre as nações, o racismo anti-amarelo é intensificado com a intenção, novamente, de bem caracterizar o “inimigo” chinês. Limitá-lo a uma caricatura, por meio de filmes, memes, reportagens e fotografias, funciona para gerar entre seu próprio povo um sentimento de inimigo em comum, que desestabiliza o monopólio ianque, que “corrói o mundo” - metodologia já conhecida por certos alemães. É preciso lembrar, todavia, que, muito mais do que uma guerra econômica e política, que leva também ao preparo e desenvolvimento militar para defesa e ataque, é uma batalha de princípios, como sempre se estabeleceu. A águia esqueceu-se, entretanto, que, mesmo tendo alimentado alguns tigres, não mais luta contra um urso, mas contra um dragão.

Após a Revolução Chinesa, que estipulou inúmeros planos quinquenais que ao longo dos anos se

concluem, era preciso eliminar a miséria, fome e a pobreza que se alastravam no país, características do cenário de protetorados ingleses, domínios japoneses e os esforços revolucionários. Era necessário tirar esse povo da miséria total, e para isso, medidas drásticas foram postas em prática. A produção em massa, especialmente a partir do comando de XiaoPing, partiu da necessidade de empregar trabalhadores, e adentrar com força e influência, aos poucos definitiva, no mercado mundial. De nação mais pobre do mundo a segunda maior potência, a República China carrega excelentes marcos no ramo trabalhista, como ter acabado com a extrema pobreza e alcançado níveis de emprego à beira da plenitude. Ademais, curiosamente, atingiu tal patamar de segunda Maior nação (e utilizo aqui o M maiúsculo intencionalmente), não por meios imperiais como os ianques, que estrategicamente armaram suas estações militares em pontos diversos do globo enquanto triunfaram no comércio com uma Europa desgastada das Guerras, mas simplesmente pelo meio econômico, a partir da incrível força proletária do povo e da forte mão do Estado, regulando cada novo passo da nação rumo aos seus objetivos.

É extremamente curioso, novamente, como as ideias que consumimos, assim como as que criamos e assumimos, mudam a nossa percepção do mundo. Em aproximadamente oitenta anos, neste fenômeno incrível - como algo de crença impossível - de aceleração das mudanças sociais e econômicas, tornamo-nos pessoas imersas numa bolha perene e internacional de produtividade. Seu impacto, especialmente nos dias muito atuais, é assustador. Como curtamente analisado em parágrafos anteriores, somos ensinados desde jovens que o foco principal de nossas vidas deve ser produzir mais em menos tempo - o mercado não tem tempo a perder! E isso se aplica não só às grandes indústrias de bens de consumo, como também à criação intelectual, ao estudo, a todas as áreas da vida. Mas essa mentalidade, em primeiro plano, culmina na incerteza e inconsistência de qualidade do que se produz, e em segundo, no adoecimento pessoal. O cidadão, além de forçar a si mesmo e culpar-se caso não produza tanto quanto o esperado, passa a trabalhar muito mais, almejando a completude das metas inalcançáveis. Assim, adocece, física e mentalmente, acreditando que a pressão está em si mesmo, que ele é o culpado, o desleixado, o descuidado, o preguiçoso, ou que é ele mesmo seu "carcereiro", ele mesmo que se cobra tanto. Verdadeiramente, ele é uma vítima de um sistema que foi programado para produzir essa culpa pela improdutividade, extremamente necessária para a formação de pessoas feitas de metal, que creem na importância da produtividade, que se culpam por não alcançá-la - é preciso fazer com que absorvam as ideias lucrativas ao mercado para que sua própria mentalidade seja força suficiente para fazer pessoas agirem como devem. E a cada vez mais impregnada nas pessoas, mais facilmente essas noções podem permear todos os meios, como a educação, que se torna um sistema fabril e robotizado eventualmente. E repito: a prioridade de tudo não mais se baseia em qualidade, e sim, rapidez.

O laborioso nem mesmo escapa da ficção. Haruki Murakami, em um dos contos de sua excelente coletânea *O Elefante Desaparece* (1993), durante uma inusitada excursão a um estabelecimento 24h do McDonald's, em meio à madrugada, narra o encontro dos personagens com pessoas dormindo nas mesas, a cabeça encostada nos braços, cruzados sobre a superfície lisa. Mesmo figurando uma narrativa fictícia, em meio às estranhezas características do universo do autor - que se assemelha ao realismo mágico latinoamericano, esta cena é carente de magias. Muitos trabalhadores dormem nesses estabelecimentos porque não têm tempo de voltar para casa e ir novamente ao trabalho pela manhã, resolvendo passar a noite num restaurante próximo. Outros preferem descansar, pelo mínimo tempo que podem, em hotéis cápsula, comumente espalhados pelo Império nipônico e que abriga muitos trabalhadores em situações semelhantes aos dos personagens de Murakami. Outra figura de seus romances, *Após o Anoitecer*, trabalha durante a noite toda e volta a casa pela ma-

nhã, quando a mulher e os filhos saem para trabalhar e estudar, mal tendo contato com eles. O mundo atual do trabalho é um ciclo, uma roda gigante sem manivelas de pausa, sem freios, vil.

Disponibilizam, como benfeitores, opções diversas de trabalho em que podemos fazer nossos próprios horários e ser “nossos próprios chefes”. Encaro, entretanto, como um lavar as mãos homiziado: quando se permite ao trabalhador selecionar suas próprias horas, enquanto permanece requisitando dele a mesma quantidade de trabalho, faz-se com que o trabalhador “explore a si mesmo”, afinal, ele escolhe as próprias horas, então a indústria nada tem relacionado aos possíveis acontecimentos ruins que disso podem surgir. Mas de que vale essa liberdade? Quem está realmente livre? Os trabalhadores, para selecionarem à vontade seu cronograma, ao passo da exploração indireta; ou a indústria, livre de arcar com suas próprias ações?

Fora dos limites literários, somos ainda mais carentes de mágica, apesar de que nossa situação torna-se tão precarizada que se aproxima cada vez mais da literatura; não do gênero de Rulfo e Fuentes, mas de um surrealismo exageradamente kafkiano. E mesmo em tal horizonte absurdo, que nos revira o estômago de angústia e cansaço, eles precisam manter o ferro em nossas entranhas, porque precisam e *dependem* do nosso trabalho, seja aquele que muito assalaria, o que paga pouquíssimo ou aquele que se aproxima demasiado da escravidão. Para mantê-lo, alimentam-nos pelo sofrimento, pela dificuldade, pela luta sem fim em busca de uma dignidade - alimentam-nos com aço, e chamam de ócio o nosso descanso, quietude, ou sonho por um pedaço de pão e um pedaço de paz. Ou não nos alimentam, porque nada bom vem fácil, e se deve lutar por um bem primordial, básico. É tão prático: temos correntes aos pés, e precisamos trabalhar para encher as barrigas vazias e manter a casa e pagar as contas do dia a dia, e além disso, para *viver*.

Uma boa lembrança, aliás, é que os mais fortes têm poder de contorcer a história. É interessante como resolveram deixar que o Japão apagasse totalmente seu passado imperialista e repô-lo com a mais saturada identidade tecnológica e de entretenimento, e os países do mundo não pestanejam em negociar com o neto de Hiroito. Enquanto isso, são esquecidas histórias como a extraordinária vitória vietnamita, comandada por cozinheiros e professores - nem mesmo ouvimos sobre Laos, Indonésia, Bangladesh, Malásia, entre tantos outros. É, também, interessante como o cotidiano, que um dia há de virar história e memória, pode ser distorcido - são muito bem selecionadas as notícias que chegam a nós, em um mundo em que tantas poderiam ser apresentadas. O que chega aos nossos olhos e ouvidos? Certamente não os gritos e marchas do povo trabalhador, mobilizado por meses durante o ano passado na Índia contra as novas leis trabalhistas, que anularam muitos dos seus direitos para que o mercado permanecesse glorioso durante a pandemia. Certamente não o rufar dos tambores e o farfalhar dos cartazes dos trabalhadores sul-coreanos, que recentemente mobilizaram-se em uma grande greve geral a favor de seus direitos. Por que nunca os escutamos, nunca os vemos? Por que escondem as batalhas de nossos iguais de nosso conhecimento?

Não é de se espantar que, em meio a tantas coisas terríveis esperando à porta, alguns resolvam injetar sua inteligência em países afora, que prometem uma expectativa mais luminosa no caminho à frente, esvaziando a própria nação de profissionais de infinito potencial - fenômeno esse comum em todas as nações da margem do capital. Merecemos melhores condições de vida, e lugares que possam acomodar melhor nossos sonhos, mas a realidade para os habitantes daquele país para o qual se emigra é exatamente a mesma, de incerteza, de precarização e esperança quimérica. É o que acontece, por exemplo, com milhares de cidadãos asiáticos, muitos deles mianmarenses e indonésios, que migram para a Malásia em busca de uma vida melhor, e que acabam em infelizes trabalhos análogos à escravidão. São tantos problemas, inúmeros, que rondam este debate, e mui-



tas vezes tentar resolvê-los é como bater contra uma parede. Parece impossível acabar com o desemprego, com a exploração, ou mesmo interromper o ciclo doentio de acúmulo rápido e generalizado de capital. Asseguro-lhe, leitor, que o mero entendimento da realidade, por mais hermética que seja, já faz demasiado para o encontro de soluções.

Somos convencidos dia após dia de que somos indivíduos, sozinhos e ímpares, e não um conjunto de iguais em união. E nada é mais perverso do que convencer a nós mesmos que somos sós e, se nos esforçarmos, vamos chegar em algum lugar. Somos convencidos dia a dia de que não somos explorados, e sim recebemos aquilo que merecemos, por nosso mérito uno e individual. O trabalho, em si, é parte fundamental da existência do ser humano - é por meio dele que criamos as coisas! A partir do momento que tivemos que vendê-lo ou trocá-lo por algo, não obstante, deixou de ser um movimento livre de criação espontânea, mas sim uma árdua repetição de afazeres. Somos desencorajados a participar de sindicatos e greves, somos afastados das discussões no Congresso que determinam nossos destinos como trabalhadores, somos alienados da nossa exploração e acreditamos sermos nós mesmos os culpados, ou o sistema está sempre correto, mesmo engendrado em contradições incabíveis e desumanas. A jornada de trabalho de dez horas diárias parece não ser trabalho "duro" o suficiente, e o desespero nos faz pedir a uma religiosidade maior por uma vida em que possamos alimentar os nossos filhos - a fome, nunca erradicada, voltou assombrosamente durante os últimos meses pandêmicos: aproximadamente 60% da população brasileira está em insegurança alimentar (Folha), e 418 milhões de cidadãos passam fome no continente asiático (UNICEF). Se somos a força que impulsiona a sociedade, por que somos também os mais afogados em perjúrios? Por que temos de sobreviver assim, vendo pessoas como nós morrer de fome, ou passar a vida titubeando entre empregos informais que não as asseguram nada, ou morarem em apartamentos de 3m<sup>2</sup> ou em casas em área de risco por não poderem arcar com os custos de uma moradia segura e estável?

Nossas entranhas não são metálicas. Em verdade, nenhum metal ou nenhum outro material seria capaz de recriar essa coisa tão intrincada que é o ser humano. No meio da carne que nos constitui, em meio aos fluidos cerebrais, existe algo como um mecanismo, uma alavanca, um funcionamento que nos cria uma consciência, um pensar, um processar e armazenar e identificar informações, e isso é uma tal dádiva inigualável. Mas essa bela idiosincrasia humana não é importante para o mercado. Nascermos na ascensão do trabalho, em que este se alimenta de todo minuto e segundo como uma sanguessuga, e para, nós, os trabalhadores do amanhã, já não há mais tempo fora do relógio. A vida humana nem mesmo é considerada dentro de suas horas, principalmente porque cada pequena badalada deve sempre soar como o cair de uma moeda, gerando capital, rápido, constante. E essa moeda não vem a nós, que dela tanto precisamos, porque a vida, em si, não gera lucro.

Quanto vale a vida de um trabalhador? O terrível número de suicídios por pressão do trabalho no continente asiático devem provar-nos de sua pequenez frente às indústrias, às empresas, até mesmo frente ao Estado - principalmente porque a morte, quanto mais distante de nós, menos terrível é. E quando estamos velhos, cansados, doentes? Quanto vale nossa vida na velhice, quando não podemos mais servir nosso país? Por que a maior parte dos cidadãos sul-coreanos acima de 65 anos vive em miséria? Por que nos abandonam quando não podemos mais empunhar as forças locomotivas do Mundo do Trabalho?

Concluo que viver é uma despesa. Requer muito investimento, e alimento, e abrigo, e vestimenta - nossas questões básicas parecem um luxo no mundo atual. E requer tanto que não podemos dar: toda a força, concentração, resiliência, paciência e sorte, *mais* do que boa fortuna. Nós, humanos,

somos um meio, porque trabalhamos, e o mundo, para funcionar, requer nossa existência, nossa força de trabalho, mas o que resta para nós? Os dias que nunca acabam, o medo da pobreza e da fome, o medo do futuro ser pior para os nossos descendentes. Que vida rasa de sentido. Presos na Jornada, não do Herói como nas cartas de *Rider Waite*, mas dos desafortunados. Vivemos à margem do abismo, nos segurando a terra com as amarras que pudermos - múltiplos trabalhos, o eterno cansaço, não ver a família. Percebemos, como o abrir dos olhos, que tudo que nos rodeia, e rodeia todos os nossos sonhos, decisões, experiências e fracassos, é o mundo do trabalho, que gera o lucro de poucos.

Restam também os bons momentos, as memórias felizes do contato humano, do carinho, da brincadeira, do abraço, do amor verdadeiro, das vitórias e dos aprendizados, de todas as experiências que puderam dar-se entre os momentos tantos de trabalho amiúde. É mais que bela a capacidade humana de criar uma força dentre a fraqueza, uma felicidade em meio à tristeza - e é dessa capacidade que surge a arte, não? Mas passar a vida inteira batalhando por migalhas de sentimentos bons não é digno de ninguém.

Por tudo apresentado, eu retomo confiante que a discussão sobre trabalho é a mais importante que há. Se reconfigurarmos a estrutura escolar, se reconstruiremos os espaços urbanos comuns, se criarmos mais indústrias que geram energia sustentável, se institucionalizarmos o pleno acesso à terapia, ou quaisquer outros planos de ação belamente planejados pelos grupos de debate no JPIC, os trabalhadores o farão. E para que façam-no, precisamos criar um ambiente melhor do que nos é entregue, pois já desenvolvemos consciência, a partir do complexo cérebro, do conjunto ósseo, muscular, circulatório que habita em nós, que dói, que cansa e que deve ser preservado acima do trabalho, acima do mercado - porque é onde armazenamos a vida. Precisamos de pleno emprego, de salários suficientes para nos manter, de férias e de descanso, de direito pleno à greve, de investimento estatal, de auxílios-desemprego, da certidão de boas aposentadorias e de uma vida tranquila enquanto transcorrem nossos últimos suspiros.

É difícil imaginar como um grupo de adolescentes, justapostos malquebradamente por meio presencial e on-line, pudessem criar ações concretas que causassem impacto, como nos era requisitado no JPIC. Especialmente porque, no nosso modelo social de república federativa constitucional presidencialista, aqueles que podem causar grande impacto, concreto e direto, são os parlamentares, que possuem às mãos os meios e o poder de instituir as leis regentes do país. Mas temos algo, as crianças, que floresce e resplandece, que alguns deles talvez tenham perdido na vida adulta: as ideias, as possibilidades, os sonhos. Nesta grande coluna, leitor, compilei alguns dos meus. Sonho convictamente, e acredito poder materializar-se, com uma vida, como trabalhadora, melhor do que a que se vive hoje.

Independente da nacionalidade, da língua, da cultura, da religião e da faixa etária durante a vida adulta, o mundo é formado e unificado por trabalhadores. A força que move todas as sociedades humanas é internacional; é o futuro de todos nós, jovens de todo o mundo, e dele nunca poderemos escapar. Será sempre preciso, e duro, e requisitará de nós o nosso tempo, a nossa força e as habilidades múltiplas. É preciso, entretanto, que trabalhemos dignamente, e que possamos viver para muito além do trabalho. E viver muito bem.

Se somos nós, jovens latinos, asiáticos, africanos e de todo lugar, as mãos que farão as obras do amanhã, somos nós que podemos garantir um futuro melhor para nós mesmos. Façamo-lo. "*Que te devolvam a alma / Homem do nosso tempo*", disse Hilst. Eu adiciono: que te devolvam toda a humanidade.

# JPIC

Por José Vitório Picoli Mendes Domingues  
Ilustração de Lara Guimarães Reis

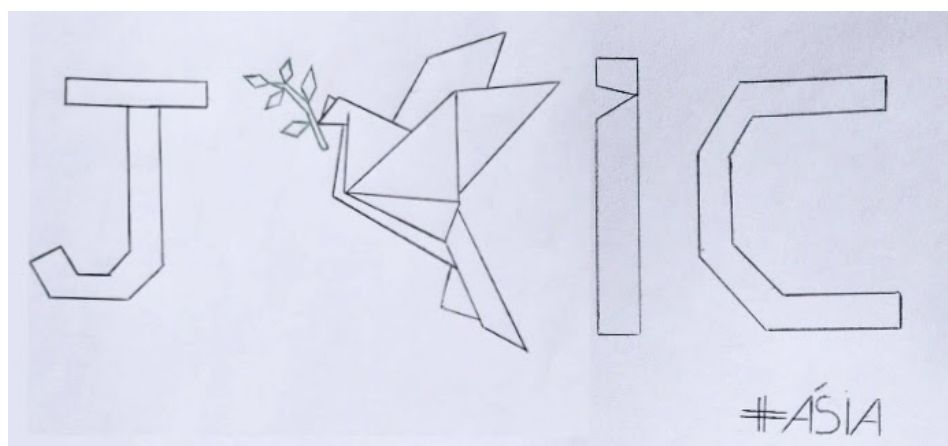
O papel da juventude na construção de um mundo melhor foi a temática contemplada pelo JPIC de 2021, que teve encerramento no dia 30 de setembro.

Evento tradicional da instituição, este ano contou com a integração das escolas de Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Ubá e Vitória em uma discussão conjunta, onde cada escola se organizou em grupos de trabalho (GTs) que trataram de diferentes temas que permeiam as discussões da atualidade: espiritualidade, escola, saúde mental, questões ambientais e espaços de relação e convivência.

Nesses grupos de trabalho os alunos foram incitados a promover e debater mudanças significativas, de curta ou larga escala, dentro das temáticas propostas. O resultado dessa atividade foi não só um compartilhamento de diferentes experiências, alinhadas às diferentes vivências de cada estudante, como também a oportunidade de tirar conclusões sobre o que pode ser melhorado e observado com atenção dentro da sociedade brasileira e instituições escolares.

E, claro, uma reflexão sobre o papel individual exercido nessas questões. É sempre muito oportuno delegar necessidades para outros, mas o que nós, em nosso dia a dia, estamos reivindicando e mudando em nossa própria realidade?

O JPIC, sigla de JUSTIÇA, PAZ e INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO, provou mais uma vez sua relevância dentro do colégio e como são necessárias mais discussões que promovam uma participação do jovem sobre as crises globais e humanitárias do mundo contemporâneo. A união entre a Filosofia e a Literatura é com certeza uma via de mão dupla que incentiva a curiosidade e o entusiasmo dos alunos, ao permitir análises sobre inúmeros textos os quais reafirmam a condição multidisciplinar do ensino escolar. E foi a partir disso que, nós, alunos do Ensino Médio, tivemos a oportunidade de adentrar no mundo mágico formado no Café Filosófico do dia 15 de junho, conduzido por professores das áreas de Ciências Humanas e Linguagens.



# VIRTUDES

*Por Ana Clara Almeida Rodrigues*

O tempo passou e, em muitas ocasiões, me vi estagnada. Senti medo, angústia e uma intensa inquietação e ansiedade por não saber o que esperar diante de tantas incertezas. Como pensar em um futuro quando a única coisa que temos, o presente, situa-se em um ciclo caótico, com mortes e dores profundas? Como elaborar um projeto de vida quando a nossa única preocupação está centrada em manter, a si e aos seus, seguros e com saúde?

Elaborar um projeto de vida, para mim, é muito mais do que metas ou planos a longo prazo, concentra-se em estabelecer propósitos, organizar potencialidades e, mais que isso, encontrar-se, todos os dias diante de uma paixão intensa a qual optamos seguir.

Gratidão. Sim, a gratidão talvez tenha sido uma das principais virtudes que me trouxeram até aqui. Nos dias em que eu não tinha forças, lembrava de que, viva, outro dia chegaria, e que de alguma forma, uma nova oportunidade surgiria para que eu observasse novas maneiras de seguir os meus planos. Gratidão, sim, pois o sol nasceria, e nasceu outra vez para que eu pudesse recomeçar. E dentro de tudo isso, a coragem, coragem para tentar outra vez, para me renovar e seguir. Para combater o inesperado e tudo aquilo que poderia vir a tirar a minha paz ou vontade de sonhar e buscar.

Por fim, a honestidade quanto aos meus limites, quanto às minhas responsabilidades e, principalmente, quanto aos desejos verdadeiros do coração. Honestidade para reconhecer os meus erros, sabendo que mesmo assim, ainda sou capaz de transformá-los a meu favor. Assim, o meu projeto de vida tem a ver com tudo aquilo que, desde a infância, serviu de inspiração para que eu, um dia, planejasse viver, conhecer ou ser. Planos incertos e vontades infinitas, de mudar o mundo ou, pelo menos, a vida dos mais próximos a mim.

# LEALDADE

## VERBETE CRIATIVO

*Por Maria Clara Tamashiro Bego*

Uma palavra tão simples, mas ao mesmo tempo tão profunda.

Afinal, o que seria das pessoas sem aquele amigo que sempre está conosco nos nossos altos e baixos; aquele que se você estivesse se afogando, lhe daria os pulmões para que conseguisse respirar.

Lealdade vai muito além de uma simples amizade, é o ato de se doar e comprometer-se com o outro, de forma que se tornem apenas um.

# 13 DE NOVEMBRO

## DIA MUNDIAL DA GENTILEZA

Por Ana Beatriz Maurmann Ximenes

Para um girassol semear é necessário delicadeza ao cuidar da terra e ao regar. O cuidado é direcionado à singela flor, mas todo o jardim é beneficiado, germinando aos poucos novos ramos do girassol, criando um quintal que vai se renovando a cada cuidado que recebe.

Assim como no jardim, quando somos gentis, nosso dia se torna mais leve, permitindo que a gente floresça internamente e traga essa leveza ao próximo, proporcionando que o outro floresça e passe essa gentileza adiante, criando um ciclo. Gentileza é se doar para se sentir completo, é olhar o mundo vendo toda sua beleza e incentivar que os outros também façam isso.

Apesar de ser uma virtude tão especial, vivemos em um mundo frenético e cansativo, em que muitas vezes a gentileza se torna cada vez mais rara; enquanto a impaciência, a intolerância e a hostilidade ocupam os relacionamentos. Na atualidade gestos simples como desejar “bom dia”, agradecer, acolher os sentimentos do próximo, oferecer ajuda ou amar sem esperar nada em troca se torna algo desprestigiado.

Por isso, a gentileza é uma virtude grandiosa. Para ser gentil em um mundo pesado é necessário enxergar de fato as outras pessoas, colocando-se no lugar do outro sem esperar nada em troca, apenas compartilhando sua gentileza. Sendo assim, é preciso deixar o “eu” de lado para se importar mais com as outras pessoas, deixando sua arrogância de lado ao entender que um dia ruim não é uma justificativa para tratar o próximo mal. É olhar o mundo com mais leveza e enxergar beleza nos momentos mais simples da vida.

*“A gentileza é o jeito mais bonito de ser sol no dia nublado de alguém”.*



# OLIMPIADAS,

## E A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE DOS REFUGIADOS

Uma temática sobre duas perspectivas.

### TEXTO 1

*Por Maria Victória Ferreira de Magalhães*

A convenção de Genebra de 1951 define e retifica os direitos dos considerados refugiados, concedendo a garantia de asilo, bem como as responsabilidades das nações acolhedoras. Definido como a pessoa que, em razão da perseguição, encontra-se fora de seu país de origem e que não pode ou não quer regressar. Os refugiados têm tido mais destaques em pautas internacionais, inclusive nas olimpíadas, realizadas em Tóquio, no Japão. Esse cenário é fruto, tanto da inclusão internacional nas questões de refúgio, quanto da representatividade destes nos países que lhes abrigaram.

Primordialmente, é importante pontuar que a representatividade dos refugiados nas olimpíadas teve início de destaque no Rio em 2016, quando o Comitê Olímpico Internacional, COI, anunciou a criação de uma comitiva com dez atletas asilados, porém, nos jogos olímpicos de 2021, realizados em Tóquio; estes números, de acordo com a Agência Brasil, já triplicaram, chegando no total de 35 atletas selecionados pelo COI, com o apoio do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, ACNUR, que representa a determinação dos mais de 82 milhões de exilados em todo o mundo.

Ademais, é imperativo ressaltar que a inclusão dos refugiados nas olimpíadas teve o objetivo de incentivar e promover a integração social, que tem como a consequência direta a aceitação da comunidade em âmbito internacional, mostrando a determinação daqueles que foram obrigados a deixar seu país de origem, independente da razão. Diversos atletas têm o incentivo do país que lhe concedeu nacionalmente, e treinam com bolsas para Atletas Refugiados da Solidariedade Olímpica, projeto criado pelo Comitê Olímpico Internacional, de acordo como o site oficial das olimpíadas, em que 55 potenciais competidores de 13 países receberam auxílio para a sua preparação.

Em suma, a representatividade dos refugiados nas olimpíadas aborda questões sociais e políticas. A integração social destes, em rede internacional como no caso das transmissões olímpicas, demonstram a importância de se incluir em atividades aqueles que não têm tanta aparição e reconhecimento, principalmente daqueles que precisaram reconstruir a sua vida por conta de conflitos que lhes atingiram. A representatividade, não só destes, demonstra um avanço social significativo para a humanidade.

## TEXTO 2

*Por Júlia Masae*

Na obra “Utopia”, do escritor Thomas More, é retratada uma sociedade perfeita na qual padroniza-se pela ausência de conflitos. Conquanto, o que se observa na realidade é ao contrário, visto que a humanidade é marcada por constantes divergências. Logo, como consequência disso, milhares de pessoas são expostas a perigos em seu país natal e obrigadas a migrarem para outras regiões, sentindo-se deslocadas e invisíveis. Contudo, é importante ressaltar a importância da representatividade dos refugiados nas olimpíadas que virou um lembrete das atrocidades realizadas e um marco de esperança para o mundo.

Em primeira análise, convém elencar que a representatividade dos refugiados nos jogos olímpicos é crucial, uma vez que é uma forma de lembrar ao mundo a situação sociopolítica de regiões do planeta, posto que, é comum que a população de países estáveis esqueça as atrocidades que ocorrem em outras sociedades. Destarte, é notório que esses países vivem na “Atitude de Blasé”, um termo proposto pelo sociólogo alemão Georg Simmel no livro “The Metropolis and Mental Health”, que designa um comportamento em que o indivíduo age com indiferença em meio às situações que ele deveria dar atenção.

Ademais, a confraternização dos imigrantes nas olimpíadas é um símbolo de esperança a humanidade, porquanto retrata o apoio que essas pessoas recebem de atletas de outros países e de que a vida pode ser muito melhor que aquela vivida dentro de um regime em crise. Dessa forma, a frase do filósofo grego Aristóteles, “A esperança é o sonho do homem acordado”, encaixando-se nessa circunstância, tendo em vista que esse sentimento pode ser um motor para a busca de um mundo melhor.

Urge, portanto, medidas que possam, além de dar forças aos refugiados, auxiliar os povos de nações que sofrem com problemas sociopolíticos a reagirem em prol da justiça e da liberdade. Para tanto, é imprescindível que a Organização das Nações Unidas, por meio do diálogo, tente apaziguar os conflitos, a fim de que vidas sejam salvas e que os indivíduos não tenham que deixar tudo para trás ao fugir dos conflitos. Desse modo, será mais fácil alcançar a sociedade idealizada por Thomas More.

# LUZ NO FIM DO TÚNEL

## PARALIMPÍADAS: SUPERAÇÃO E ALEGRIA DA NAÇÃO

Por Vanessa Kiemí Ogata Nagassawa e  
Melinda Machado Prestes

Em meio a pandemia, as Paralimpíadas de Tóquio vieram para dar esperança a todos. Por conta do novo Coronavírus, o evento esportivo, que era para ter acontecido em 2020 juntamente com as Olimpíadas, pode ser realizado somente em 2021, com o avanço das campanhas de vacinação.

Os Jogos Paralímpicos tiveram início no dia 24 de agosto e terminaram em 05 de setembro, contendo 22 modalidades diferentes. Foram 121 países participando, com aproximadamente 4.500 atletas representando seus respectivos países.

Apesar de ser um acontecimento grandioso, a pandemia não deixou de existir. Os eventos sediados por Tóquio seguiram à risca todos os protocolos de saúde, cuidando ao máximo dos participantes, principalmente pelo fato deles serem do grupo de risco.

A realização de um evento somente com pessoas portadoras de deficiências físicas implica em uma imagem de motivação para os telespectadores, afinal, para os atletas estarem lá disputando uma medalha, significa que houve muita persistência e superação. Esses jogadores mostram que com disciplina e dedicação é possível vencer os obstáculos e realizar seus sonhos, o que pode servir como uma forma de incentivo muito grande para pessoas que passam pela mesma situação.

Dar visibilidade ao tema é muito importante para que haja mais incentivo dos governos, bem como de sociedades privadas, pois assim nas próximas Paralimpíadas haverá um número maior de atletas competindo. Ao mesmo tempo, as pessoas com deficiência têm uma melhor inclusão na sociedade.

Sem dúvidas, a população mundial estava precisando de um momento como esse para lembrar o quão importante é o sentimento de união. Ver todos acompanharem e torcerem com sorrisos nos rostos para os atletas conquistarem pódios e ganharem medalhas é certamente uma recarga de energias positivas para podermos passar por todas essas dificuldades da pandemia.



Patricia Pereira, Daniel Dias, Joana Maria e Talisson Glock, medalhistas de bronze no revezamento. Foto em [www.gov.br/pt-br/cultura-artes-historia-e-esportes](http://www.gov.br/pt-br/cultura-artes-historia-e-esportes).



# GAZETA ENTREVISTA:

## PROFESSORA TAYNÃ KAIRALA

Por **Gabriela Gonçalves Avelar**



O Gazeta Sagrado é um projeto feito por alunos, mas que não deixa de contar com o incrível suporte de nossos professores e coordenadores. Em homenagem ao Dia do Professor, entrevistamos, nesta edição, a professora Tainã Kairala, que ministra aulas de Geografia no Ensino Fundamental II - Anos Finais.

EQUIPE GAZETA: Conte-nos sobre sua experiência como professora.

**PROFESSORA TAYNÃ:** Em fevereiro deste ano completei uma década de sala de aula como professora regente; mas durante a Universidade tive a honra de estagiar em escolas públicas e privadas com o suporte de colegas de profissão (futuros colegas, naquela época) que me faziam me encantar cada dia mais com a profissão que havia escolhido. Estar em sala de aula, fazer parte da formação de adolescentes e vê-los crescer, amadurecer e alçar voo é muito gratificante.

E. G: Por que escolheu a área da Geografia?

**PROF. TAYNÃ:** Tive um professor no Ensino Médio que me apoiou muito na escolha da minha profissão e eu o admirava (e ainda admiro) muito. E ao longo do Ensino Médio fui me apaixonando pela Geografia.

E. G: Qual o maior desafio que você enfrenta enquanto educadora?

**PROF. TAYNÃ:** Acredito que me manter atualizada, em constante formação, é um grande desafio. Como a profissão de professor possui uma grande demanda além do horário regular de trabalho, é desafiador se manter em formação.

E. G: Uma dica para quem gostaria de seguir a área do magistério?

**PROF. TAYNÃ:** Como ouvimos muito em nossa escola: "o exemplo arrasta". Quem deseja seguir essa profissão precisa ter em mente que suas ações podem incentivar o outro, pois para que despertemos a paixão pelo estudo, é importante que também sejamos apaixonados por ele.

E. G: *(Em ocasião do tema desta edição)* Qual a sua opinião sobre a importância do debate relacionado à Ásia?

**PROF. TAYNÃ:** Pensar em "debate sobre a Ásia" pode abranger vários assuntos, como questões políticas, econômicas e culturais. Mas penso que o Ocidente, há muito tempo, negligencia a importância histórica deste continente, se posicionando como superior, e agora não em sido mais possível deixá-lo de lado. Com isso, temos vivido grande influência cultural, política e econômica vinda do "outro lado do mundo", situação denominado como Soft Power, que antes era imposta apenas pelas potências ocidentais.

A Equipe Gazeta agradece a disponibilidade da professora e a oportunidade de entrevistá-la.

*A todos os excelentes professores do Colégio Sagrado Brasília... o nosso **muito obrigado!***

# MOSTRA DAS PROFISSÕES

## SAGRADO 2021

Por Alexandre Magnani



Os estudantes quando adentram o Ensino Médio, principalmente quando chegam à 3ª Série, última etapa antes do Ensino Superior, sofrem com a pressão relacionada à decisão sobre qual curso irão ingressar. Tal pressão, geralmente advinda da família, é algo comum, porém, algumas vezes acaba mais prejudicando o estudante do que o auxiliando, pois afeta sua saúde mental e, conseqüentemente, seu desempenho acadêmico.

Com o intuito de auxiliar os jovens nessa escolha tão crucial, o Colégio Sagrado Coração de Maria promoveu conversas com profissionais dos cursos mais cobijados pelos vestibulandos. Sendo assim, neste semestre, uma das ações promovidas foi a Mostra das Profissões, via Google Meet.

A Mostra reuniu estudantes das unidades da Rede Sagrado Brasil em um momento ímpar. Os estudantes tiraram dúvidas, refletiram, expuseram opiniões e, como resultado, as valiosas explicações dos profissionais convidados foram importantíssimas para a escolha do caminho a seguir.



# PLANTÃO GAZETA

Por **Guilherme Rabelo Martins**  
e **Gabriela Gonçalves Avelar**

## RADAR INTERNACIONAL

(1) Um levantamento aponta que a melhor relação entre diplomatas brasileiros e exportações com retorno econômico é na Ásia. Observe o gráfico abaixo:

**AS EMBAIXADAS BRASILEIRAS COM MELHOR RETORNO ECONÔMICO EM 2021**  
US\$ bilhões exportados por nº de diplomatas nas embaixadas

país	exportações* (US\$ bi)	diplomatas	US\$ bi/ diplomata
 China	71,6	17	4,2
 Cingapura	4,1	3	1,4
 Bangladesh	1,3	1	1,3
 Holanda	7,1	6	1,2
 Malásia	3,5	3	1,2
 EUA	22,3	25	0,9
 Irã	1,5	2	0,8
 Coreia do Sul	4,1	6	0,7
 Canadá	3,4	5	0,7
 Chile	4,7	8	0,6

(2) A Ásia vem sofrendo com uma crise de energia, trazendo grandes alterações na bolsa de valores internacional, além da economia brasileira se prejudicar também.

E não iremos nos livrar tão cedo disso, e o problema é que isso influencia diretamente na Bovespa.

(3) No dia da reportagem, 19/10/2021, a Bovespa teve um declínio de (3,28%).

## ESCOLA EM CONFABULAÇÃO – PRIMAVERA LITERÁRIA

A leitura, além de ser um guia para viagens de encantamentos e sentimentos, é um dos caminhos mais eficientes para a aquisição de conhecimento. Assim, com o objetivo de instigar o gosto pela leitura dos alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental, o colégio Sagrado Coração de Maria, promove o projeto de leitura “Primavera Literária”.

O belíssimo projeto foi idealizado pelos professores: Gustavo Ornelas, de Ensino Religioso; Ronara Gonçalves, de Língua Portuguesa e Rosa Leite, de Empreendedorismo.

O Ensino Médio também terá sua própria Primavera Literária, por volta do fim de novembro.



**Acessem o site da Rede Sagrado Brasília e apreciem as dicas!**

<https://sites.google.com/redesagradobrasilia.com.br/primaveraliteraria/in%C3%ADcio>

# MINICIDADE

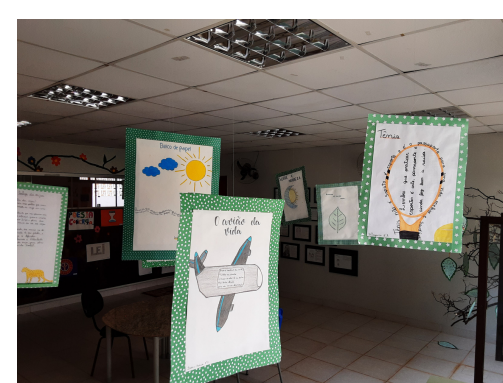
Por Gabriela Gonçalves Avelar  
Fotografia por Agatha Arentz Bandeira  
e Vanessa Kiemi Ogata Nagassawa



A Minicidade é um projeto interdisciplinar em que toda a escola participa para construir uma cidade. O espaço destinado a esse projeto é o antigo prédio da educação infantil e esse espaço foi construído para proporcionar vivências, atividades diferenciadas e práticas aos nossos estudantes.



Para a organização e construção, os alunos utilizaram diversos materiais reciclados e produções realizadas nas aulas das diversas disciplinas. Há trabalhos belíssimos expostos na sala Academics Coffee, tais como caricaturas, poemas concretos, produções em Inglês, dentre outros.



A Minicidade, intitulada Vila Gailhac, foi inaugurada no dia 2 de outubro, sábado. Nessa data, alguns alunos, acompanhados dos professores, deram continuidade à organização dos espaços. Momento muito especial! Na Minicidade há um planetário, um minimercado, museu, o Academics Coffee, o zoológico, a farmácia e a prefeitura. Há, também, o espaço da horta.

# DICAS CULTURAIS

Por Laura Oliveira Magalhães

## I. MUSEUS VIRTUAIS

- **Pinacoteca, São Paulo.** Um dos mais belos museus da cidade, é um deleite para os olhos. O antigo prédio Liceu de Artes e Ofícios já seria o suficiente para merecer o passeio virtual. No entanto, a Pinacoteca vai além e apresenta um belíssimo acervo, de mais de 9.000 obras. O destaque é a coleção de artistas nacionais, entre eles: Benedito Calixto, Pedro Alexandrino, Victor Meirelles, Eliseu Visconti e Anita Malfatti. Você conferirá detalhes de diversas obras *online* e visitará os corredores do museu através do *Google Arts & Culture*, com destaque para a obra *Mestiço*, de Portinari.

**Site:** [www.pinacoteca.org.br/visite/tour-virtual/](http://www.pinacoteca.org.br/visite/tour-virtual/)



Imagem de amostra, retirada da visita virtual pela Pinacoteca, a partir de seu site ([www.pinacoteca.org.br/visite/tour-virtual/](http://www.pinacoteca.org.br/visite/tour-virtual/))

- **National Museum of Modern and Contemporary Art, Gwacheon, Coreia do Sul.** O Museu Nacional de Arte Moderna e Contemporânea da Coreia (MMCA) é um museu de arte contemporânea, com a sede em Gwacheon. Foi fundado em 1969 como o único museu nacional de arte do país, acomodando arte moderna e contemporânea coreana e internacional de diferentes períodos. Em seu site, você encontrará conteúdo diverso, entre várias entrevistas com os diretores e artistas do museu.

**Site:** [www.mmca.go.kr/eng/pr/movList.do?mbMovCd=01](http://www.mmca.go.kr/eng/pr/movList.do?mbMovCd=01)



Imagem retirada de um vídeo do MMCA, com o diretor Youn Bummo, de seu canal no Youtube. Nesta, diz o diretor: "Olá, eu sou Youn Bummo, o diretor do MMCA." ([www.https://youtu.be/jleXy9CloGw](https://youtu.be/jleXy9CloGw))

## II. FILMES PARA CURTIR



**RAYA E O ÚLTIMO DRAGÃO (2021)**

Don Hall, Carlos López Estrada  
Classificação indicativa: 10  
Plataforma: Disney+



**O CASTELO ANIMADO (2004)**

Hayao Miyazaki  
Classificação indicativa: LIVRE  
Plataforma: Netflix



**OKJA (2017)**

Bong Joon-Ho  
Classificação indicativa: 14  
Plataforma: Netflix

### OUTROS:

**DIN E O DRAGÃO (2021)**  
Classificação indicativa: 10  
Plataforma: Netflix

**CARTAS DE IWO JIMA (2006)**  
Classificação Indicativa: 14  
Plataforma: Globo Play

**SÉRIE JARDIM CELESTIAL (2011)**  
Classificação indicativa: 10  
Plataforma: Netflix

**MOM (2017)**  
Classificação indicativa: 16  
Plataforma: Netflix

**BÔNUS: DUNA (2021)**  
*EM CARTAZ NOS CINEMAS!*  
Classificação indicativa: 14

# CURIOSIDADES: CERRADO

Por Malu Weber Aragão

*Você sabia que o Cerrado é o bioma brasileiro com menos área protegida?*

É triste pensar que isso acontece mesmo sendo uma Savana brasileira muito rica em biodiversidade. Diante dessa situação, é, sem sombra de dúvidas, muito importante que cuidemos muito bem dele.



## LACOS

Por Rosângela Costa  
(Professora e Coordenadora de Língua Portuguesa)

É com muito orgulho que apresentamos a 2ª Edição Gazeta Sagrado 2021. Cada vez mais vocês me surpreendem... Quantos textos críticos, reflexivos e cheios de essência! Quanto protagonismo! Orgulho-me muito de cada um de vocês! Confesso que o envolvimento de cada um é inebriante, especial!

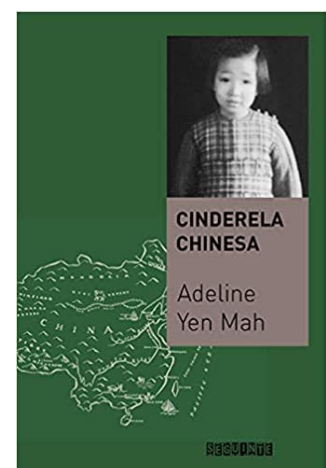
Como eu sempre falo: podemos fazer mais? Sempre! A nossa vida se constitui de uma ânsia de fazer mais, de contribuirmos positivamente para uma sociedade mais solidária, respeitosa e crítica. Parabéns a todos os integrantes do Jornal Gazeta Sagrado e àqueles que contribuíram para que essa nossa edição fosse um sucesso!

## DICA LITERÁRIA ESPECIAL:

Por Tainã Kairala  
(Professora de Geografia)

*Cinderela chinesa*, de Adeline Yen Mah

Sinopse: O relato autobiográfico de Adeline delinea sua difícil jornada em busca de independência e liberdade após uma infância conturbada. Quinta filha de um milionário chinês, perdeu a mãe logo após o nascimento, e além de sofrer com a hostilidade dos irmãos, que culpam-na pela morte da mãe, ainda sofre com a ausente indiferença do pai, e a crueldade da madrasta. O triste cenário, familiar e social em que está envolvida, faz a pequena criança sentir-se parte da fábula que nomeia o livro. *Cinderela chinesa*, best-seller internacional, fala com sensibilidade sobre a superação de uma infância extremamente infeliz.



YEN MAH, Adeline. *Cinderela chinesa*. Editora Seguinte. 1ª edição, 2006.

# EQUIPE SAGRADO – BRASÍLIA

**Alexandre Magnani Mota - 3ª Série/EM-Editor-chefe**

**Ana Clara Almeida Rodrigues - 3ª Série/EM- Editora- Chefe**

**Lara Guimarães Reis - 3ª Série/EM- Ilustradora**

**Maria Clara Tamashiro Bego - 2ª Série/EM- Colunista**

**José Vitório Pícoli Mendes Domingues -1ª Série/EM – Redator**

**Laura Oliveira Magalhães- 1ª Série/EM – Fotógrafa**

**Nathália Almeida Bechara Pardaui - 1ª Série/EM- Colunista**

**Ágatha Arentz - 9º Ano/EFII – Fotógrafa**

**Vanessa Kiemí Ogata Nagasawa - 8º Ano/EFII – Fotógrafa**

**Guilherme Rabelo Martins - 7º Ano/EFII – Redator**

**Maria Clara Santos de Oliveira - 7º Ano/EFII – Chargista**

**Melinda Machado Prestes - 7º Ano/EFII – Colunista**

**Gabriela Gonçalves Avelar - 6º Ano/EFII – Repórter**

**Malu Weber Aragão - 6º Ano/EFII – Fotógrafa**

PROFESSORA – COORDENADORA DE LÍNGUA PORTUGUESA  
ROSÂNGELA COSTA

COORDENADORA PEDAGÓGICA DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS E ENSINO MÉDIO  
VALDIRENE MORAIS

## IMAGENS DA CAPA E DEMAIS IMAGENS NÃO AUTORAIS

CHAOS, Takashi Murakami - 2016

Flowers, Yayoi Kusama - Coleção anos 90

Departure, Atul Dodiya - 2018

Mingsha Diabolo, Liu Dan - 2013

Sunflower of the Incas, Cy DeCosse -  
Retiradas do site Artsy

As fotos utilizadas no Radar Internacional foram retiradas de CNNBrasil e WikiMedia.

A foto presente na Escola em Confabulação foi retirada do Google Images.

Na Seção Dicas Culturais, os pôsteres dos filmes são de [www.google.com](http://www.google.com).